

○ Brasil não conhece o Brasil! O Brasil é um país do futuro! O Brasil é um país sem memória! Estes são três dos repetidos enunciados que sugerem marcas identitárias de um país sempre em busca de uma imagem de si mesmo. O que a nossa colonização tem a ver com esse fenômeno? E o que a psicanálise tem a dizer sobre isso?

Atenuados os ruídos intensos produzidos pelas comemorações dos 500 anos de nossa assim chamada descoberta, abre-se espaço para uma reflexão mais serena das origens, processos e características da história desta nação chamada Brasil. *Psicanálise e Colonização*, oportuna publicação organizada pelo psicanalista gaúcho Edson Luiz André de Souza, revela algumas das mais inquietantes e contundentes facetas de nosso processo de colonização, ao mesmo tempo em que oferece análises, não só psicanalíticas, das origens e desdobramentos deste processo. Antropologia, filosofia, literatura, sociologia, artes plásticas e história reúnem-se à psicanálise como áreas necessárias para a investigação levada a cabo por um grupo de pesquisadores interessados em nossa origem comum e em suas conseqüências mais do que contemporâneas.

## A Psicanálise a serviço do redescobrimento do Brasil

Resenha de Edson Luiz André de Souza (org.),  
*Psicanálise e Colonização - Leituras do Sintoma Social no Brasil*, Porto Alegre, Editora Artes e Ofícios, 1999, 299 p.

Uma das trilhas inevitáveis quando se percorre o tema da colonização, como se sabe, passa pelo estabelecimento da distinção entre um mundo pré-moderno e o mundo instaurado a partir do advento da modernidade. As mudanças nos laços sociais, o novo papel do indivíduo e a grande transformação dos valores são elementos indissociáveis do projeto colonialista europeu. Os diferentes artigos deste livro, a partir das mais variadas perspectivas, tomam este tema de forma central, e, em muitos deles, pode-se acompanhar criativas explorações sobre o que a psicanálise traz de novo para a compreensão da constituição e das crises do mundo e dos sujeitos da modernidade. São bons exemplos dessa trilha, mas não só dela, os dois artigos que abrem o livro. No primeiro, "A Psicanálise e o sujeito colonial", de Contardo Calligaris, encontra-se uma interessante análise de características próprias de uma subjetividade moderna com seu apelo colonizador: "Para o sujeito moderno, saudades à parte, não importa substituir o pai, mas é preciso ser algo novo e diferente (eventual-

mente, algo a mais) e tentar sua vida alhures"(p.22). No segundo, "Psicanálise e Brasil. Considerações acerca do sintoma social brasileiro", de Luis Cláudio Figueiredo, o trajeto que vai da modernidade européia ao Brasil colonizado passa por uma rigorosa releitura de dois textos de Freud (*O Futuro de uma Ilusão e O Mal-Estar na Cultura*). É a permanente tensão entre natureza e cultura que aqui é retomada, nestes textos de Freud, a partir da lógica da suplementaridade, como proposta pelo filósofo Jacques Derrida: "A cultura é o expediente que a natureza (humana) inventa para defender-se de suas deficiências e de seus excessos(...). Em contrapartida, a "natureza" é o remédio que a "cultura" produz e adota para se defender de suas fraquezas e de seus excessos. Como se

aprende com Freud, a libido e os impulsos destrutivos, que de um lado precisam estar sob os controles culturais, devem funcionar, de outro, como ingredientes constitutivos e remediativos da "cultura"..."(p.26-27) Assim, desde o início do livro, o Brasil é virado do avesso, revelado em sua estranha mistura de aspectos pré-modernos, modernos e desta modernidade tardia, que nos é contemporânea.

A trilha que realiza o entrecruzamento de arte, psicanálise e história do Brasil é também bastante fecunda. De grande atualidade, pode-se reconhecer aqui um dos sólidos e benéficos efeitos deste entrecruzamento: ampliar e ao mesmo tempo aprofundar a nossa forma de olhar a realidade, tanto histórica como ficcional, fazendo aparecer a arte com toda sua potência crítica e disruptiva. Bom exemplo dessa trilha é o artigo de Edson Luiz André de Souza, "Memória Barroca". Através de uma análise que parte da insistente necessidade do brasileiro de "reinventar constantemente sua tradição" (p.186), o que revela uma forma particular de uso da memória e do esquecimento, o autor reafirma a importância de uma redescoberta de nossa colonização e do reconhecimento de nossas heranças e de nossos recalques. Destaca o barroco brasileiro, e em particular a poesia de Gregório de Mattos, como o exemplo claro do que precisou ser

esquecido e, ao mesmo tempo, do que revela a força construtora brasileira e seu potencial insaciável de inventividade e criação. "Gregório de Mattos inaugura com suas sátiras e sua ironia feroz um texto que tem a coragem de interrogar, que se permite confrontar ao seu tempo e ao sistema literário do qual ele aparentemente era filho. Sua tensão inventiva era marcada em seu próprio corpo, pois como escritor mestiço, filho de pai português e de mãe baiana, ele teve que posicionar sua escrita no clássico embate entre lei e desejo. Quando me referia a uma memória barroca pensava sobretudo nesse hibridismo próprio de nossa história e tão bem construído nos textos de Gregório de Mattos" (p.188). O hibridismo de nossa história, assim como a relação particular que estabelecemos com a memória, reaparece em outros artigos do livro. Mas é mais uma vez a arte que eu gostaria de destacar, agora através do artigo da artista plástica Elida Tessler, "Somos ainda hoje desterrados em nossa terra? A terra como elemento visual em algumas produções de arte contemporânea brasileira". O elemento *terra* é escolhido como fio condutor para a investigação artística das relações com as origens, com a colonização e com os "caminhos tortuosos do reconhecimento de uma identidade cultural brasileira" (p.190). Apoiada no traba-

lho sensível, também com relação ao nosso sistema político-social, de artistas como Hélio Oiticica, Sebastião Salgado e Glauber Rocha, a autora recoloca questões fundamentais sobre os efeitos de nossa colonização: "O que seria uma imagem obviamente brasileira? (...) Quem somos nós? Somos negros? Índios? Brancos? Como é que essa cultura se forma?" (p.196). Da terra descrita na carta de Pero Vaz de Caminha à luta do movimento dos sem-terra, muitas das facetas escondidas e esquecidas da terra Brasil podem ser reencontradas nas referências apresentadas nesse artigo. Acrescente-se, ainda, o fazer da arte brasileira contemporânea, onde a terra reaparece "não só como conceito, mas como material em si, matéria-prima, elemento formal. A terra está lá, ela aparece, ela é visível (e nela tudo dá!). Os artistas não trabalham de uma forma ingênua com a terra. Existe, isto sim, uma ligação com os efeitos de uma colonização." (p.192)

A longa trajetória que nos leva de uma mítica origem aos diferentes planos de uma contemporaneidade ansiosa

com os destinos de seus próprios sonhos de futuro aparece, em *Psicanálise e Colonização*, através das reflexões sobre um Brasil que se busca em inúmeras trilhas identitárias. As relações entre a colonização e a violência e estudos sobre a infância e o abandono no Brasil formam outras trilhas percorridas por diferentes artigos do livro. São, ao todo, 24 artigos organizados em seis grandes temas que acabam por revelar não só a intensidade trágica das experiências sociais de um país colonizado, mas também a riqueza de uma cultura e de uma história que parecem resistir às poderosas forças do esquecimento. Como se sabe, além de uma forma de lembrança, a memória pode ser uma forma de esquecimento. Esquecimento, entre outras coisas, da história, de seus conflitos, de sua luta e de suas conquistas. A memória das semelhanças pode ocultar tentativas de esquecimento das diferenças. E vice-versa. Entre identificações e desastrosas tentativas de conquista de uma identidade nacional definitiva, o Brasil que aparece através das reflexões contidas nesses artigos é uma nação que revela tensões e polarizações em suas buscas identitárias. Mas, ao mesmo tempo, é possível reconhecer nos artigos desse livro a tenta-

tiva de ir além da polarização mais comum, aquela entre a melancolia e o ufanismo, marca contundente de boa parte dos textos que em nossa história se preocuparam em apresentar as características de uma suposta identidade nacional brasileira. A oposição entre "nós não somos nada e nunca seremos" e "nós já somos grandes e seremos gigantes no futuro" transformou diversas tentativas de análise sobre o "caso Brasil" em uma fastidiosa repetição de jargões sobre a história brasileira, desde a colonização até a atual inclusão do Brasil em uma suspeita rede mundial globalizada.

Vacinada por Freud, ainda quando era bebê, há cem anos, contra as consequências de um pensamento dilacerado por oposições mas, também, cautelosa diante de sínteses apressadas, a psicanálise talvez possa oferecer um outro olhar para as atuais tentativas de redescobrimto do Brasil. É a riqueza deste outro olhar sobre o Brasil que o leitor poderá reconhecer no livro *Psicanálise e Colonização*.

**Nelson Coelho Junior** é psicanalista, doutor em Psicologia (PUC-SP) e professor do Instituto de Psicologia da USP. Autor de *A Força da Realidade na Clínica Freudiana*, Escuta, 1995 e *Ética e Técnica em Psicanálise* (em co-autoria com Luis Cláudio Figueiredo), Escuta, 2000.